

Editorial

O Preservativo - Ontem e Hoje

O uso de artifícios de barreira com a finalidade de se evitar doenças transmissíveis pelo coito não é recente. Há fragmentos de peças de arte egípcia, representando homens com um envoltório sobre o pênis possivelmente ilustrando o uso do preservativo. A mais antiga evidência do uso do preservativo na Europa são cenas de pinturas nas cavernas em Cambarelles na França. Contudo, segundo Zagonato, Zigelboim e Ros (1988) atribui-se a Fallópio, famoso anatomista do século XVI, a primeira descrição do preservativo. Falópio fez minuciosa descrição do aparelho genital feminino e introduziu o "Linteolum ad Mensuram Glandes" que era um capuz de linho a ser colocado sob a glândula. Falloppio dizia que tinha experimentado o dispositivo em 1100 homens e nenhum deles foi infectado com a sífilis. No entanto, há assinalado canto carnavalesco em Florença atribuindo a Melagonnelli no qual diz-se que os florentinos usavam fundinhas de tela (linho) fixada por cordões para cobrir a glândula na atividade sexual e que eram popularmente chamadas "Ollitas". A intenção na época era evitar o contágio, sendo a descrição atribuída a Falópio, tida como uma forma de evitar a sífilis (Potts, M. e Diggory, P., 1982 apud Ministério da Saúde - PN DST/Aids, 1997)

Usava-se, inicialmente, o linho (lineteolum) e logo depois passou-se a usar o intestino dos ovinos (carneiro). A membrana, constituída por um segmento do tubo intestinal, era molhada em água e solventes, a mucosa era raspada e exposta ao vapor de enxofre, lavada e secada era depois cortada no tamanho certo do usuário. O preservativo era produto vendido ao público desde 1650 em Paris e Londres e em 1700 estava difundido também em Espanha, Portugal e Itália. Nesta época exaltava-se ou diminuía-se seu uso já também para evitar a gestação. Casanova (1725-1798) o cita em suas memórias, e o Marques de Sade teria usado o artefato. Após 1844 quando Goodyear e Hancock descobriram o processo de vulcanização da borracha e difundiu-se o uso do preservativo cujo preço tornou-se acessível a todos. Este invento teve má recepção da moral vigente, sendo taxado não apenas de imoral e contrário aos bons costumes, mas também como prejudicial à saúde, apesar de não haver subsídios científicos que comprovassem assertivas tais

como: "(é condenável seu uso) por produzir lesões físicas devido à sua presença irritante como corpo estranho e aos agentes químicos usados em sua fabricação, além de outros efeitos graves, inseparáveis de seu uso" (Gardner, A., 1974 apud Ministério da Saúde - PN DST/Aids, 1997).

Considerava-se que os métodos que impediam a entrada do sêmen na vagina seriam danosos à saúde da mulher, bem como que a anticoncepção causava esterilidade e infomania nas mulheres e, nos homens, deterioração mental, palpitações e amnésia. E isto não é tudo: para esses médicos, a anticoncepção provocaria câncer e tendência ao suicídio em ambos sexos. Ou seja, havia uma ligação direta entre a vivência do sexo por prazer e a consequência de doença e morte. Isto porque, naquela época, dominados por valores religiosos as descobertas científicas eram atacadas à medida que se distanciavam das Sagradas Escrituras. No entanto, tais restrições não impediram a rápida difusão do uso dos preservativos. No início do século XX, seu uso já era amplo, embora muitos usuários se queixassem de que eles apresentassem com frequência orifícios e outros defeitos de fabricação, que se rompiam durante o ato sexual e que se deterioravam muito rapidamente (três ou quatro meses, no máximo). Estes problemas foram solucionados já na década de trinta, quando foi desenvolvido o processo de fabricação do látex (seiva de seringueira concentrada e estabilizada). Este processo facilitou a produção do artigo com melhor qualidade, com membranas mais finas e maior durabilidade.

Durante a segunda guerra mundial a camisinha foi largamente usada pelos soldados aliados como protetora do contágio das, na época doenças venéreas, e para prevenir indesejadas gestações. Tais finalidades para o uso do preservativo perderam a força com a ilusão de que os antibióticos podiam curar e controlar as agora DSTs, e com a descoberta da pílula anticoncepcional e o refinamento de outros métodos como o DIU e o diafragma (Tannahill, 1980).

Com o surgimento da aids a camisinha passou a ser usada como o mais importante método de prevenção desta doença e das demais DSTs, hoje estatisticamente associadas a aids.

PAULO ROBERTO BASTOS CANELLA¹

ANGELA LEITE MENDES²

E-mail: canella@gineco.ufrj.br

¹ Doutor e Livre Docente em Ginecologia, Professor do Mestrado em Sexologia da UGF e do Mestrado em Ginecologia da UFRJ

² Mestranda em Sexologia -UGF